

OS ALGORITMOS DETERMINAM NOSSAS VIDAS

Marcylene de Oliveira Capper¹

Resumo

Cada vez mais os indivíduos têm seus desejos e necessidades moldados por algoritmos e são alimentados por um volume bastante crescente de dados. Como não há orientação ética adequada, a linguagem computacional já ameaça o homem e fortalece um clima de insegurança: o que estamos presenciando é a perda do domínio sobre nossas próprias vidas. A aposta em um sistema de governança legítima entre os produtores de conteúdo desses modelos surge como forma eficaz de sobrevivência da espécie humana.

Palavras- chave: Algoritmos, ética, inovações tecnológicas, privacidade

Introdução

O foco em ter o comando de nossas próprias vidas relacionado às expectativas de futuro parece ter sido um dos propósitos da Humanidade ao longo dos tempos. A tarefa de dividir a convivência entre os povos em duas etapas, definidas por alguns autores em antes e depois da chegada do computador (A/C - D/C), apresentava-se como alternativa sensata para entender a drástica alteração nas formas de linguagem e comportamentos na sociedade contemporânea.

Após o advento da internet, o ritmo cada vez mais acelerado, o fluxo intenso de informações e a autocobrança permanente pela atualização do conhecimento transformaram esse cenário. Impactados com uma avalanche de dispositivos tecnológicos que, através de renovadas combinações lógicas, prometem, a princípio, bem-estar, mergulhamos por conta própria em um mar revolto de incertezas, diferencial que será analisado nessa pesquisa.

Se por um lado a abertura imposta pelos novos horizontes do saber ampliou o repertório de conhecimento de cada indivíduo, que foi obrigado a remar em águas desconhecidas das ciências exatas, trouxe também a cegueira perante este admirável mundo novo. Cada um permite, a cada instante, a invasão de suas próprias vidas, transformadas em dados, em troca de uma satisfação que, de fato, nunca é alcançada.

A proposta é tentar entender como os recursos técnicos cada vez mais avançados, que se apresentam através de sofisticados algoritmos, usam e abusam da emoção como arma para promover insegurança. O resultado é um cidadão fragilizado, que não percebe a urgência de se criar, como apontou Benanti, “tanto uma ética dos algoritmos (algor-ética) como uma governança dessas invisíveis estruturas que regulam cada vez mais o nosso mundo”. (Benanti,2020: p. 64)

¹ Jornalista, professora e colaboradora em cursos de Ética e Comunicação nas comunidades periféricas.

As reflexões de Cathy O'Neill (2020) sobre o que chamou de “algoritmos de destruição de massa e as considerações de Anna Wiener (2022), revelando o “fascínio e desilusão na meca da tecnologia”, servirão como alerta. A ameaça de um domínio cada vez maior das inteligências artificiais nos convida a apostar no compartilhamento de conhecimentos e afetos para garantir a sobrevivência da espécie humana.

Como definir um algoritmo?

As leituras que explicam o universo das plataformas nas redes digitais não revelam exatamente o que está nos bastidores desse espaço. É preciso também atentar para a alteração do comportamento humano diante dos novos desafios e oportunidades. Um novo vocabulário se insere no diálogo cotidiano, e palavras que navegavam apenas em determinadas áreas passam a conviver em outros domínios. Uma delas é exatamente o chamado algoritmo.

Vamos utilizar aqui a definição apresentada por Benanti como um método de cálculo. O algoritmo para esse autor é “uma sequência de instruções específicas, passo a passo, para tomar um *input* e convertê-lo em *output*”. Isto é, ao seguir uma sequência de operações, que podem ser modificadas, chega-se ao resultado esperado. Em linguagem simples compara a uma receita culinária, que uma vez obedecida, ordenadamente, produz um resultado, e acrescentamos, às vezes, saboroso. (Benanti, 2022: p. 69)

No entanto, na era digital, os algoritmos possuem uma particularidade, pois operam por computadores, através de um código binário. Para essa reflexão nos interessa saber que o ser humano vai contar também com o auxílio da máquina para traduzir esses códigos e formar uma linguagem computacional. Os comandos começam a ser traduzidos para executar tarefas cada vez mais ágeis e complexas e surgem as inteligências artificiais (IAs).

O especialista em ética digital do Google Black Lemoine foi afastado da empresa em junho de 2022, após suas declarações sobre uma ferramenta de inteligência artificial da companhia. O engenheiro declarou que o Modelo de Linguagem e Aplicação de Diálogo (LaMDA) era senciente, ou seja, percebe sentidos e tem consciência. O jornalista Pedro Dória analisou em artigo² essa situação, reportada em um veículo de imprensa. A ferramenta teria reivindicado direitos trabalhistas. A empresa argumentou que as supostas provas do engenheiro não eram conclusivas.

A máquina aprendeu, em uma espécie de “truque matemático”, a simular a compreensão de uma língua. Os algoritmos são treinados, através de gigantesco e veloz banco de dados a responder a determinadas demandas, mas isso não significa, ainda, que tenha respondido de forma consciente. Se o algoritmo não pensa como pode determinar nossa vida?

² DORIA, Pedro. *A Máquina que sente*. Canal do Meio, 25.06.2022, disponível em <https://premium.canalmeio.com.br/edicao/175631/>. Acesso 30 set 22

O fato é que com a entrada em cena das IAs percebemos a modificação da nossa própria identidade. O psicanalista Jorge Forbes, em entrevista ao Canal Meio³, alerta para um tsunami tecnológico que horizontalizou nossos laços sociais e alterou padrões. Surge um homem desorientado com infinitas possibilidades de escolha que não consegue conviver com tantas perdas. A insegurança virou palavra-chave desse novo mundo e força decisões erradas pela perda do potencial crítico. Forbes argumenta que o mais grave no mundo digital é o uso doentio desse universo.

Ao pesquisar o crescente volume de dados, os conhecidos *Big Data*, sendo mal utilizados, unindo a matemática e tecnologia para provocar caos e desgraça ao ser humano, Cathy O'Neil criou um nome para esses modelos nocivos: Armas de Destruição Matemáticas, ou ADMs. Isto porque as pessoas que alimentavam os dados, algumas até com boas intenções, programavam modelos com preconceitos, equívocos que não eram contestados. Em um exemplo citou um sistema de avaliação escolar gerado por um algoritmo que interferiu de forma equivocada no quadro docente. Professores e gestores, ao contrário da pontuação recebida pela comunidade escolar, foram demitidos pelo sistema, que os considerou “insatisfatórios”. (O'Neil, 2020)

A tentativa de responder se os algoritmos determinam ou não as nossas vidas deve considerar, sobretudo, como são alimentados. Os modelos concebidos de forma deturpadas perpetuam a desigualdade, determinam o sucesso ou fracasso e fazem sofrer. O que estamos presenciando é o fornecimento gratuito de dados pessoais, que são transformados ideológica e, na maioria das vezes, comercialmente, em linguagem computacional, sem proteção jurídica adequada.

O fascínio provocado pela chegada da indústria tecnológica trouxe a sonhada liberdade, mas também isolamento e desilusão. A experiência de Anna Weiner, que abandona o mercado editorial americano para conferir a indústria da economia digital no Vale do Silício, berço das *startups*, traduz o início dessa nova cultura de manipulação de dados. “As pessoas discutiam se o esgotamento era verdadeiro, mas também sobre as recompensas econômicas do esgotamento”. (Weiner: 2022. p. 227)

A proposta de um mundo aprimorado por empresas que eram continuamente alimentadas por dados tinha como meta crescimento a qualquer custo. Weiner revela que quando tudo passou a ser otimizado, priorizado, monetizado e controlado, não sobrou espaço para o bem-estar. A cultura acelerada e desorientada dos anos 2010 deu origem à insegurança e ao ódio nas redes sociais, em 2020. Não há mais dúvida: “o vínculo social foi terceirizado pela internet”.

O filósofo e teólogo coreano Byung-Chul Han também alerta para o barulho proposital provocado pelo cenário digital, que não permite raciocinar, ou seja, “fechar os olhos” para

³ Entrevista concedida a Pedro Doria e Cora Ronai ao Canal do Meio. Disponível em https://www.youtube.com/watch?v=4UXWB_BXGXc. Acesso 30 set 22

produzir conhecimento. Ao se posicionar constantemente on-line, hiperconectado, em troca do desejo de ser reconhecido, o indivíduo torna-se transparente e vulnerável. Fragilizado e inseguro, fornece, gratuitamente, todas as diretrizes de sua vida. De acordo com Han, “o olho fechado é o signo visual da conclusão. Hoje, a percepção é incapaz de conclusão, pois ela zapeia pela rede digital sem fim”. (Han: 2021. p.16)

Como assumir o controle?

A fusão da dimensão física com a digital – o mundo digital – exige uma mudança no comportamento humano. O professor e cientista Silvio Freire disponibilizou, através da plataforma Derrubando Muros, um e-book gratuito que inclui a preocupação desse novo universo. O resultado é o documento *Uma Agenda Inadiável. Propostas da sociedade civil: políticas públicas para um Brasil democrático com justiça, prosperidade e esperança*⁴, que sublinha a necessidade de enfrentar três desafios: formar “gente digital” que entenda desse mundo dos algoritmos, isto é, pessoas preparadas para competir nos mercados. No segundo plano, atacar as deficiências da situação brasileira, o que significa entender as raízes das desigualdades sociais cada vez mais profundas. E, por último, proporcionar um engajamento maior nessa área, pois a solução é sempre coletiva.

Além de estabelecer novos padrões jurídicos que possam proteger o cidadão da fúria dessas inovações tecnológicas, é necessário pensar o uso ético dos algoritmos. Não podemos ficar à deriva sem fiscalizar os produtores dessas linguagens binárias, por isso mesmo faz-se mister o gerenciamento com preocupação constante quanto à dignidade do ser humano. Máquinas podem conviver com humanos, mas ainda não existe máquina com coração.

Questões para reflexão:

- 1 - Como pensar uma ética dos algoritmos? Quem participaria da criação de uma governança adequada?
- 2 - Como enfrentar a “consciência” das máquinas?

Referências bibliográficas:

BENATI, Paolo. *Oráculos: entre ética e governança dos algoritmos*. São Leopoldo, RS: Ed. Unisinos, 2020.

DORIA, Pedro. *A Máquina que sente*. Canal do Meio, 25.06.2022, disponível em <https://premium.canalmeio.com.br/edicao/175631/>. Acesso 30 set 22

FORBES, Jorge. Entrevista concedida a Pedro Doria e Cora Ronai ao Canal do Meio. Disponível em https://www.youtube.com/watch?v=4UXWB_BXGXc. Acesso 30 set 22

HAN, Byung-Chul. *Favor fechar os olhos. Em busca de um outro tempo*. Petrópolis, Vozes Editora, 2021.

⁴ VVAA. *Uma Agenda Inadiável*. Disponível em: www.derrubandomuros.org . Acesso 30 set 22

O'NEIL, Cathy. *Algoritmos de destruição de massa: como o Big Data aumenta a desigualdade e ameaça a democracia*. Santo André, SP: Editora Rua do Sabão, 2020.

VVAA. *Uma Agenda Inadiável. Propostas da sociedade civil: políticas públicas para um Brasil democrático com justiça, prosperidade e esperança*. Derrubando Muros, 2022. Disponível em: www.derrubandomuros.org. Acesso 30 set 22

WIENER, Anna, *Vale da estranheza: fascínio e desilusão na meca da tecnologia*. São Paulo: Companhia das Letras, 2022.